Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte JB
Data 17/1/96 Pg 13
Class. 28

Brasileiros ficarão com o controle da Vale

■ Em seis meses, consultores apresentarão modelo de privatização da companhia

SÔNIA ARARIPE E LIANA VERDINI

A Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), a mais privada das estatais brasileiras, líder mundial na produção de minério de ferro, será oferecida até o fim do ano a grandes investidores internacionais, em uma venda pulverizada ao melhor preço. Mas seu controle ficará mesmo com um grupo de brasileiros.

Esse é o segredo do trabalho que dois grupos de consultores deverão apresentar daqui no prazo de até seis meses ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O preço do negócio ainda será exaustivamente discutido e calculado pelos especialistas, mas tudo indica que o grupo será avaliado em cerca de R$ 12 bilhões, e a metade deverá ser a parcela posta à venda. O pagamento só poderá ser feito em dinheiro.

É bem possível que o governo guarde uma parte dos papéis para vender quando as cotações estiverem mais altas, informou o ministro do Planejamento, José Serra, em solenidade, ontem, no BNDES. Ele disse que o governo venderá apenas 51% do capital votante (ações ordinárias), o suficiente para garantir a transferência do controle acionário.

A data da venda, também ainda não está decidida, mas a expectativa do ministro é de que seja ainda esse ano. "Em um país onde a Justiça é muito ativa pode ocorrer um ou outro atraso no processo", lembrou. "Em setembro receberemos a minuta e, então, precisaremos de um tempo mínimo para prepararmos a companhia para ser vendida", explicou Luiz Carlos Mendonça de Barros, presidente do BNDES. A União tem 76% das ações ordinárias (com direito a voto) e 6% das preferenciais da Vale.

Oferta asiática — Hoje, os dois consórcios já têm reuniões com os funcionários do BNDES. A oferta no exterior não vai se limitar aos Estados Unidos e à Europa. Como a estatal é muito conhecida dos japoneses (sócios em vários projetos) e de outros vizinhos asiáticos, suas ações também serão oferecidas naquela região. E vai levar quem aceitar pagar um preço melhor. Foi assim no ano passado, quando o BNDES vendeu por cerca de US$ 250 milhões as sobras das ações da Usiminas, privatizada em 1991.

Moderno — "É a montagem mais moderna que existe. Chama-se de *book building*, ou seja, um livro onde vai se anotando quanto cada investidor pretende comprar e o preço. Depois, o vendedor pode cortar na quantidade e no melhor preço", explica João Netto, sócio da Máxima Corretora de Commodities e Consultoria, uma das empresas do serviço de avaliação econômica e financeira da CVRD, reunidos no consórcio A.

A Salomon Brothers, parceira da Máxima nesse grupo, deverá cuidar da oferta das ações na mercado americano, do qual é uma das maiores corretoras. E o Banco Flemings, britânico, do segundo grupo de consultorias (chamado de B), se encarregaria de oferecer na Europa e na Ásia. "A Vale é uma empresa de primeiríssima linha. Não conheço no mundo nada igual", avalia o inglês Nicholas R. Hurd, diretor geral do Banco Flemings no Brasil, número um do mundo na avaliação do mercado de mineração.

Pela sua experiência, apenas algumas poucas empresas no mundo conseguem disputar o cobiçado mercado de minério de ferro, do qual a Vale é líder: as australianas CRA, que acaba de se fundir com a RTZ; a BHP e algumas americanas, mas em uma proporção bem menor, como a Cleaveland Cliffs e North's. "Nenhuma tem o potencial da Vale. O grupo é completo. Além de ser líder em ferro, tem minas de ouro, cobre, bauxita e ainda atua em papel e celulose, navegação e ferrovias", avalia.

"Fazer a avaliação financeira e a modelagem de venda será um desafio e tanto pela frente", admite outro consultor contratado, o engenheiro Aroldo Ceotto, diretor da MetalData Engenharia, que faz parte tanto do grupo A quanto do B.

Sandra de Souza

José Serra (E), Luiz Carlos Mendonça de Barros e Elena Landau, participam de solenidade no BNDES